



Das nossas cidades às do Novo Testamento: pressupostos para uma pastoral nos centros urbanos

Antonio Carlos Ribeiro¹

Resumo

Em busca de sua identidade e missão, a igreja envereda pelo nascedouro de sua fé e encontra o Deus que saiu de si para se comunicar a si próprio e se encarnou para buscar os destinatários da notícia boa. Ao partimos de Jesus de Nazaré e sua mensagem, o Reino de Deus, chegamos à afirmação universal que todo ser humano vive sob o dinamismo do amor de Deus. Para anunciar-lhe a salvação a igreja indaga quem ele é, como pode aproximar-se, e, quem ela é, para que possa acolhê-lo.

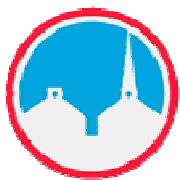
Palavras chaves: Salvação, Igreja, Inculturação, Centros urbanos.

É no mundo que Deus se encarna, não na igreja. Esta não é nem o sujeito e nem o objeto da missão, mas é seu meio, o espaço libertado em que se celebra a presença de Deus no lado inverso do mundo. Não é o lugar em que nasce, mas apenas aquele em que ressoa o anúncio. É só isso que se diz quando se afirma a igreja como criatura da Palavra, de uma Palavra outra, cuja alteridade está em apresentar-se em o que não tem o semblante de Deus. Portanto, a revelação é celebrada, acolhida e discernida na igreja, mas não é nela nem criada e nem mantida, nem assegurada. A revelação não é a mensagem da igreja para o mundo, mas a mensagem de Deus que, através de sua presença mascarada no mundo, cria e recria a igreja.

Vítor Westhelle²

¹ Teólogo e jornalista, Bacharel em Teologia (STBSB), Bacharel em Comunicação Social-Jornalismo (UGF), Mestre em Teologia e Doutorando em Teologia (PUC-Rio).

² WESTHELLE, Victor. *Missão e poder: o Deus abscondito e os poderes insurgentes*. Em: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, n. 31, p. 191, 1991.



Quando a pergunta sobre o testemunho da igreja surge numa reunião de jovens ou numa assembleia de eleição da nova diretoria, geralmente vem formulada assim: essa igreja tem o Espírito Santo? No mais das vezes não se trata de uma questão de pneumatologia, mas sobre a experiência de fé e disposição dos seus membros para o testemunho do evangelho naquele contexto. A igreja não pode ter o Espírito Santo, assim como tem conta bancária, o templo e a casa pastoral. Na verdade, o Espírito é que pode ter também aquela igreja, assim como a cidade tem suas praças.

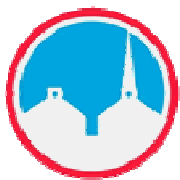
Isso leva a igreja a buscar o sentido primeiro de sua identidade, a salvação, da qual é anunciadora. Ao voltar à mensagem que lhe dá sentido, redescobre sua identidade dada em Cristo e seu público-alvo, os seres humanos feitos objetos únicos do amor apaixonado de Deus. Esse fato a obriga a defrontar-se com as condições necessárias à inculturação da fé cristã, se perguntar sobre o esforço que tem feito para apresentá-la, destacando nela seu específico evangélico, e refletindo sobre as exigências que precisa atender para evangelizar no pluralismo cultural brasileiro.

Mesmo sabendo-se igreja resultante de um modelo histórico, essa comunidade de fé é composta de pessoas e tem como mandato dirigir-se a outras pessoas, o que demandará clareza sobre sua origem, seu papel, sua metodologia e, sobretudo, sua linguagem, para levar sua tarefa a cabo³.

1. Salvação: a mensagem que dá identidade

A tarefa de buscar sua própria identidade, necessária à tarefa de testemunho da fé na realidade multicultural brasileira, leva as igrejas de volta à fonte primeira de sua existência. Lá pode ela haurir as forças de que precisa para redescobrir sua existência eclesial voltada ao anúncio da salvação em Jesus Cristo. A busca pelo nascedouro primitivo de sua fé, a leva de volta a Deus que,

³ Excertos RIBEIRO, Antonio Carlos. *Como cantar a Canção do Senhor?* [Dissertação de Mestrado] Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2005. (http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0410241_05_Indice.html).



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

querendo sair de si para se comunicar a si próprio, se encarna, “cria para que esta auto-comunicação divina tenha um destinatário. Neste sentido, aparece Jesus Cristo como o sentido último do universo, da humanidade, da história. Deus cria para comunicar para fora de si a existência trinitária”⁴.

Por ter Jesus Cristo uma relação com a humanidade que é mais profunda do que a ruptura ocasionada pelo pecado, a rejeição humana ao convite do Reino não poderá jamais ser concebida como anterior à vontade divina de salvar o ser humano. Por isso a presença atrativa de Deus interpela o ser humano através da sua graça, sempre oferecida como salvação, que dá ao homem o seu existencial sobrenatural, a ser por ele acolhido. “Partimos do dado histórico (Jesus de Nazaré e o Reino de Deus) e chegamos a uma afirmação universal (todo ser humano vive sob o dinamismo do amor de Deus)”⁵.

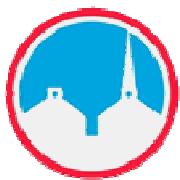
A salvação de Jesus Cristo reflete seu caráter intransigentemente universal, voltada ao ser humano, cuja herança fundante para a comunidade cristã e traduzida como atitude básica do povo escolhido, pode ser descrita como a fé de Jesus. Esta, “implica fundamentar a vida em Deus, deixar que Ele dela disponha, orientá-la para sua vontade, confiar na fidelidade e no poder divino, saber-se aceito e amado por Deus, numa palavra, entregar realmente a Deus a própria existência. Essa atitude diante de Deus caracterizou também a pessoa de Jesus Cristo, alcançando nele uma profundidade inexprimível”⁶.

As igrejas são chamadas a redescobrir essa entrega e tornarem-se servas no mesmo Jesus Cristo, atitude que “o libertava de qualquer preocupação meramente humana, de qualquer interesse egoísta, de qualquer busca de auto-realização ou de auto-valorização, de qualquer veleidade, de fundamentar

⁴ MIRANDA, Mário de França. *A salvação de Jesus Cristo*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 43.

⁵ *Idem*, p. 56.

⁶ *Idem*, p. 72.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

sua vida fora de Deus. Foi realmente alguém descentrado de si mesmo e totalmente centrado no Pai”⁷.

Essa atitude, típica de pessoa que amadureceu na experiência de Deus, segue o modelo paradigmático daquele que “aprendeu a obediência pelos próprios sofrimentos”⁸, em quem melhor se expressou o amor do Pai, no mais profundo de sua pessoa, ato capaz de fazer da sua vida inteira uma resposta a esse amor. A partir daí Jesus Cristo “se apresentava como alguém totalmente livre para amar seus semelhantes. Tendo o Pai como seu absoluto, todo o resto era relativo. Aqui está o segredo de seu comportamento, sempre voltado para o outro, mesmo que isto significasse prejuízo ou sofrimento, má reputação ou incompreensão, conflito e ameaça (...) A história de Jesus é a história de sua entrega a Deus e aos homens e mulheres de seu tempo. Esta fé-entrega se solidificou, aprofundou, cresceu, ganhou lucidez nos embates da vida, confirmada nas vitórias e provada nas tentações”⁹.

Nesse Cristo que a liberta pode a igreja, em ambiente urbano e em tempos de globalização, viver a *liberdade libertada*. Ao anunciar a afirmação de Paulo, de que “Cristo nos libertou para a liberdade”¹⁰, na confiança de que “essa libertação nos foi dada, é graça e não resultado de nossos esforços, mas também que a liberdade é a meta da ação libertadora de Cristo. Desse modo a liberdade libertada implica para nós um estado salvífico estável, possibilitado (Rm 8,2) e mantido pelo Espírito Santo (2 Cor 4,7b). Esse estado (ontológico) de liberdade é que possibilita o agir (ético) da liberdade. O imperativo supõe o indicativo”¹¹.

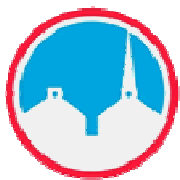
⁷ MIRANDA, A *salvação* ... p. 72.

⁸ Hb 5,8.

⁹ MIRANDA, A *salvação* ... p. 73.

¹⁰ Gl 5,1.

¹¹ MIRANDA, A *salvação* ... p. 127.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Essa firmeza dá sustentação à igreja diante dos desafios que se colocam à sua frente. Por isso quanto mais voltar à fonte mesma de sua identidade, a mensagem que tem a anunciar, mais se sentirá segura das decisões a tomar. “Fator decisivo nos processos de libertação social é ter a liberdade realmente livre com relação aos meios da própria transformação. E a fé cristã nos diz exatamente que essa libertação de nossa liberdade nos é oferecida gratuitamente na pessoa de Jesus Cristo”¹². Da liberdade libertada dependeremos sempre que assumirmos, “sem nos dar conta, preconceitos e ideologias embutidos na atual cultura, como respiramos o ar poluído das grandes cidades”¹³. Nessa situação deve a igreja rejeitar os privilégios que atendem aos interesses que a perpassam como corpo social e deixar agir em si mesma a liberdade libertada.

É essa fé, professada pelos membros desta igreja, que não existe em estado puro porque sempre se expressa no interior de uma cultura, da qual os seres humanos recebem “categorias, estruturas mentais, expectativas, modos de olhar a realidade, de interpretá-la, cosmovisões, sentimentos, práticas sociais, orientações para a ação que, ao mesmo tempo que nos apontam certas direções, deixam outras em segundo plano ou, simplesmente as ignoram”¹⁴. Frente ao diálogo entre esses elementos e a realidade, a salvação deverá ser encarnada na existência, experimentada como algo que nos faz humanos e expressa na convivência social.

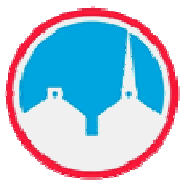
2. Inculturação: resposta à exigência do evangelho

Assumir a tarefa de inculturar a fé só é possível quando se admite a plena humanidade das pessoas e quando se respeita a cultura dos povos aos quais se quer testemunhá-la. Isso altera a lista de prioridades da igreja, fazendo-a entender que sua primeira preocupação “não se situa dentro dela, mas fora. A diferença de qualquer outra sociedade fundada por seus próprios integrantes para

¹² MIRANDA, *A salvação* ... p. 129.

¹³ *Idem*, p. 93.

¹⁴ *Idem*, p. 214.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

benefício próprio, a igreja é uma comunidade enviada aos que vivem, atuam e constroem fora de seus limites particulares”¹⁵.

Baseado no apóstolo Paulo, Juan Luís Segundo vê prudência em assegurar o essencial, que a mensagem da comunidade eclesial seja dirigida à comunidade humana. “Da primeira preocupação da igreja: o não cristão, surge a segunda: como deve ser o cristão para que o não cristão receba da comunidade eclesial o que Deus lhe envia? Em outras palavras: a primeira preocupação interior da igreja, sempre com vista fixa no resto da humanidade, é a transparência de sua significação”¹⁶.

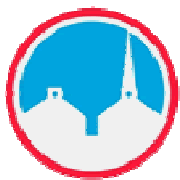
Significação é a expressão adequada para referir-se ao testemunho da igreja. Se o testemunho da igreja é purificado “de uma maneira ou de outra, suave ou bruscamente, por decisão alheia ou própria, por decreto ou por desinteresse, pessoas que levam o nome cristão e que, em princípio, queriam seguir levando, se verão excluídas da comunidade cristã”¹⁷. A importância desta afirmação é demonstrar que diante da resistência à inculturação de sua fé, ainda assim a igreja, não atenderá exclusivamente aos que ‘pertencem a ela’, mas está próxima de acercar-se à sua função precípua, possibilitando assumir a salvação como nova e profunda responsabilidade de quem se aproxima e se junta à caminhada, conquistando sua pertença à comunidade de fé e vendo na igreja *uma inédita possibilidade de amar*. Quando uma comunidade de fé limita-se frente à grandeza desse desafio, mostra-se incapaz de traduzir sua fé para a humanidade, “não se dá conta das colossais possibilidades que oferece ao egoísmo dos homens, o que Deus lhe deu para assumir a responsabilidade da história humana”¹⁸.

¹⁵ SEGUNDO, Juan Luis. *Teologia abierta para eu laico adulto*: Isa comunidade lactada Eclésia. Buenos Aires: Lola, 1968, p. 125-126.

¹⁶ *Idem*, p. 126.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ *Idem*, p. 128.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

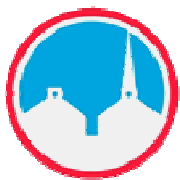
Falar da inculturação da fé cristã na diversidade cultural do mundo, especialmente na miscigenada realidade étnica, social e política brasileira, significa discorrer sobre as situações humanas nas quais incide o testemunho da comunidade de fé. A igreja, como a comunidade dos chamados à salvação, e depois, ao testemunho dessa mesma salvação, e o mundo, como o ambiente humano no qual se dá esse testemunho, “não são duas realidades adequadamente distintas que se enfrentam e entram em conflito, mas dois aspectos distintos de uma unidade indivisível: a igreja é a consciência e a visibilidade do dom que Deus faz de si mesmo a um mundo aberto à plenitude de sua comunicação”¹⁹.

2.a. Do lugar cultural do evangelizador

O lugar na comunidade humana a partir do qual alguém testemunha a fé em Cristo é dado pelo conjunto das suas referências. Esse postulado deve ser assumido conscientemente, até para que possa ser relativizado no seu testemunho cotidiano. É bastante frequente a atitude equivocada de julgar uma cultura, uma etnia e uma condição sócio-econômica a partir dos valores de outra. Considerar o lugar étnico-cultural-sócio-econômico da testemunha do evangelho impõe, conseqüentemente, considerar o lugar étnico-cultural-sócio-econômico da pessoa evangelizada.

A reflexão sobre este tema é necessária às igrejas na medida em que elas se entendem como testemunha da salvação de Jesus Cristo. “Por ser um sistema global que confere sentido e identidade a determinados grupos e indivíduos, uma cultura não pode ser julgada com critérios, códigos ou valores de outros grupos culturais. Nenhuma cultura é normativa para a outra. Todas são iguais em suas diferenças. A imposição de uma cultura sobre a outra significa o esmagamento ou morte desta, prejudicando a sobrevivência do grupo atingido. Distinções entre culturas primitivas (inferiores) e civilizadas (superiores), pré-tecnológicas (inferiores) e industrializadas (superiores),

¹⁹ CETRULO, ¿El Concilio libera a la Iglesia de equívocos? Citado em: SEGUNDO, *Teología abierta* ... p. 147.



orais (inferiores) e escritas (superiores), pagãs (inferiores) e cristãs (superiores) podem esconder o etnocentrismo da cultura ocidental ‘cristã’”²⁰.

Encontrar o próprio lugar no mosaico cultural e aprimorar uma forma de conduzir-se no conjunto desta pluralidade, que condiga com o evangelho do qual foi incumbida de anunciar, impõe à igreja perguntas constantes e reflexões continuadas, nas quais algumas formas de comparação serão inevitáveis. O risco é que estas perguntas sejam construídas a partir de perspectivas preconceituosas, porque além de gerarem reflexões que não contribuem para a missão de Deus, criam normatividade baseada em comparações e resultam em práticas eclesiais discricionárias, mesmo quando sutis.

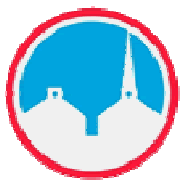
O esforço para lidar com esta situação no cotidiano das igrejas levou à reflexão sobre a inculturação e à conclusão de que “hoje abandonamos a tentativa de definir uma cultura humana universal, ao redor de componentes e valores presentes em toda a sociedade. A cultura define o que é próprio de um povo; explicita as diferenças entre os povos e sociedades; configura a sua identidade específica. Respeitar a cultura significa ‘reconhecer os outros naquilo que os faz diferentes’”²¹, a sua particularidade irreduzível a componentes universais.

2.b. Para o lugar cultural do evangelizado

O lugar cultural do evangelizado é o outro elemento fundamental no processo de anúncio da salvação em Jesus Cristo. O grupo humano em meio ao qual é testemunhada a fé também tem suas referências culturais que devem ser assumidas. Essa reflexão é basilar para responder à pergunta sobre a possibilidade de anunciar a fé cristã às pessoas de uma cultura à qual se despreza. Saber posicionar-se frente ao outro e sua cultura é uma condição básica para o grupo humano religioso

²⁰ EHLE, *Inculturação: um desafio pastoral*, p. 169.

²¹ METZ, Johann Baptist. Unidade e Pluralidade, problemas e perspectivas de inculturação. Em: *Concilium*. Petrópolis, n. 224, 1989, p. 78.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

que quer testemunhar a sua fé no cotidiano. Isso possibilita evitar julgar uma cultura a partir dos valores da outra e reconhecer a legitimidade do olhar sobre a fé cristã desde um outro lugar sócio-econômico, cultural e étnico, o lugar cultural da pessoa evangelizada.

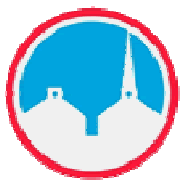
Ao lidar respeitosamente com a diferença e admiti-la como legítima, a testemunha mostra que o evangelho tem seus próprios limites, dispensando recursos como a imposição, o controle e a afirmação de um grupo sobre o outro, qualquer que seja a motivação. Isso a faz considerar que “um processo de evangelização que visa a inculturação respeita a particularidade do outro(a): sua maneira de encarar a vida e a morte, sua organização social, modos de produção, sistemas éticos, códigos simbólicos. Pretende introduzir o evangelho dentro da alteridade cultural do outro(a)”²². Com esta atitude ele dá um passo em direção ao lugar cultural do evangelizado.

Admitir o próprio lugar cultural é basilar para o esforço de olhar *de fora*, a partir de certa distância emocional e espiritual, para melhor conhecer o outro e descobrir a melhor forma de comportar-se frente a ele, a partir dos valores do evangelho. Só ao considerar o evangelho como princípio norteador-suleador entre cristãos e as pessoas a serem evangelizadas, é que a testemunha do evangelho poderá torná-lo “princípio inspirador, normativo e unificador que transforme e recrie esta cultura, dando assim origem a ‘uma nova criação’, conforme a definição já clássica”²³.

Para anunciar a fé em Cristo ao evangelizado, a cultura do evangelizador continua sendo um dos seus grandes desafios. Conhecer a cultura do grupo humano ao qual se quer evangelizar e não rejeitá-la de forma preconceituosa é *conditio sine qua non* para quem quer dar testemunho do evangelho. A principal razão é que isso implica em desenvolver “a capacidade de dialogar com a particularidade do outro(a)”, condição que “não depende somente de boas intenções, flexibilidade,

²² EHLE, Paulo. Inculturação: um desafio pastoral. Em: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, n. 53, 1993, p. 170.

²³ SUESS, Paul. Inculturação: desafios – caminhos – metas. Em: *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 49, 1989, p. 84.



abertura de espírito. Cada evangelizador(a) traz consigo uma cultura; representa também a cultura do centro religioso que o envia; sem querer, personifica o projeto sócio-cultural deste centro, dificultando qualquer relação simétrica de igualdade”²⁴.

Na atitude de viver relações de legitimidade com as culturas dos outros povos, especialmente nos centros urbanos com sua pluralidade étnica, uma das marcas de seu ritmo de vida acelerado e seus efeitos práticos do mundo globalizado, é fundamental se dar conta das condições antecipadamente dadas para esse relacionamento. Para que o evangelizador não se iluda sobre seu papel e o evangelizado não assuma uma posição de subalternidade ingênua, deve lembrar-se da observação sobre o trabalho dos missionários. “Ele eleva a cultura do centro para a periferia, mas ainda que queira, não leva a cultura da periferia para o centro, salvo para preservá-la nos museus e centros de estudo de antropologia”²⁵.

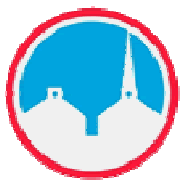
3. A *urbis* como *criterium* pastoral

Testemunhar a fé cristã no século XXI supõe o aprendizado do trabalho na cidade, desde as cidades menores e com estrutura mínima, até as megalópoles. Para os cristãos, esse desafio pode ser atenuado por causa da experiência de seu surgimento e desenvolvimento em importantes cidades da Palestina do primeiro século, mas também por seu consistente crescimento na capital do Império Romano e, sobretudo, por sua estratégia de crescimento que passou pelos grandes centros do mundo ocidental e a daí para todo o mundo.

O cristianismo tem um pé bem firmado no ambiente urbano desde os primórdios. Desde o movimento de Jesus, que se diferencia dos movimentos messiânicos de seu tempo por causa de um

²⁴ EHLE, *Inculturação*, p. 171.

²⁵ OLIVEIRA, P. O lugar social do missionário. Em: CNBB/CIMI. *Inculturação e libertação*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 20.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

“visível distanciamento de Jesus de um *ethos* camponês tradicional, uma vez que ele pode dialogar com os mais diferentes grupos sociais e religiosos. Um profeta que missiona e convive com cobradores de impostos, oficiais romanos, estrangeiros (nem sempre muito piedosos), prostitutas, mas também tem como interlocutores as autoridades religiosas de seu povo, transpõe âmbitos de atuação do mundo camponês”²⁶.

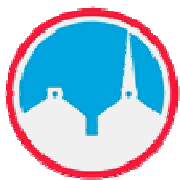
Da mesma maneira é possível ver esse comportamento na própria atuação de Jesus. “Essa liberalidade de Jesus em relação às leis de pureza judaicas vem do desafio do contexto urbano, de seu movimento missionário ou, no mínimo, de um mundo camponês invadido por relações com as cidades helenísticas que ‘desfiguravam’ o típico adorador de Javé, fazendo que soluções criativas sejam encontradas para possibilitar-lhes a convivência”²⁷.

O apóstolo Paulo era pessoa tipicamente urbana. As cidades da época e seus ambientes aparecem em suas cartas, bem como o uso de clichês da retórica grega, coletados em suas passagens pelo ginásio, pelo estádio ou na oficina de trabalho. As teias de relações locais urbanas, fundamentais ao testemunho do evangelho e as reuniões dos cidadãos livres (*ekklesia*), conceito urbano que está entre os mais utilizados pelo apóstolo aos gentios. Outro aspecto é a indagação sobre o uso dado pela reflexão teológica latino-americana, especialmente pela teologia bíblica, no tocante à polarização rural-urbano. A atuação pastoral de Jesus possibilita o enquadramento num modelo ou ainda pode ser identificada como fiel exclusivamente à tradição rural ou urbana?

A geografia cultural dos centros urbanos, as exigências do mundo globalizado, a necessidade da identidade afirmativa são outros aspectos importantes. A necessidade de detectar desafios, sobretudo os decorrentes da tarefa das igrejas, especialmente as tradicionais. As adaptações que

²⁶ NOGUEIRA, Paulo Augusto S. Os primeiros cristãos e o mundo urbano. In: SATHLER-ROSA, R., org. *Culturas e cristianismo*. São Paulo/São Bernardo do Campo: Loyola/Imprensa Metodista, 1999. p. 35.

²⁷ NOGUEIRA, Os primeiros cristãos e o mundo urbano, p. 35.



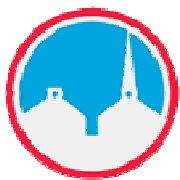
deverá fazer para cumprir seu papel na cultura globalizada e a função da teologia como um saber haurido da experiência comunitária, refletido em conjunto com outros saberes e a ela devolvido como contribuição para reelaboração da pastoral.

A cidade deixou de ser apenas o objeto de algumas reflexões sociológicas, baseadas em constatações numéricas com o objetivo de situar a ação pastoral, resultando em orientações, decisões pastorais estratégicas, alocação de recursos para novas frentes de trabalho e novas linhas de pesquisa para equipar os ministérios, alguns surgidos em resposta a estas demandas, mas gerou a necessidade de realizar estudos em torno de um conjunto de situações típicas desse ambiente, visando entender novas situações, resultantes da convivência de um tão grande número de pessoas, refletir pastoralmente sobre elas e propor novas estratégias.

Por estas razões, os centros urbanos e todas as demandas dele decorrentes, se constituem num conjunto de exigências para refletir sobre os saberes com incidência sobre os diversos grupos humanos que vivem em determinada região. Para a teologia pastoral, a urbanidade se transformou nas últimas décadas em verdadeiro critério pelo qual se tomam decisões eclesiais, se orientam linhas de pesquisa teológica, se estuda a nova semântica dos meios de comunicação, as relações familiares e de trabalho, os conflitos culturais, as ações públicas nas áreas de educação e saúde, a participação dos cidadãos em sistemas públicos de gestão, enfim todo e qualquer saber com influência nos grandes conglomerados humanos.

3.a. Influências urbanas nas origens da fé cristã

O testemunho cristão sofreu influências dos centros urbanos desde as origens do mundo do Novo Testamento. O avanço do testemunho de fé conta com pregadores com experiência de vida e trabalho nas cidades da época, em contraposição àqueles que trabalhavam em diversas atividades na realidade rural. “Paulo era pessoa da cidade. A cidade transparece em sua linguagem... Além disso,



Paulo figurava entre aqueles que dependiam da cidade para a sua sobrevivência. Sustentava-se, pelo menos parcialmente, com o trabalho ‘de suas próprias mãos’ – fazendo tendas, segundo o livro dos Atos – e muitas vezes recordou esse fato às suas igrejas como uma espécie de orgulho indireto, ou como autodefesa ou como tema de lição. Essa vida como artesão o distinguia tanto dos trabalhadores das fazendas, que, escravos ou livres, talvez estivessem bem no alto da pirâmide social na antiguidade, quanto dos poucos felizardos cuja riqueza e *status* dependiam de sua situação na agricultura”²⁸.

O mundo do trabalho no primeiro século é marcado pelas semelhanças e pelas situações extremas de desigualdade. “Os trabalhadores manuais urbanos incluíam escravos e livres, e uma boa faixa de *status* e de recursos, indo desde a pobreza extrema até uma vida razoavelmente confortável; todos, porém, pertenciam solidamente à cidade. Não sentiam nem o medo hostil do camponês diante da cidade, nem participavam do poder autoconfiante do aristocrata tanto sobre a *polis* quanto sobre a *chora*”²⁹. O evangelho e as soluções propostas nas epístolas pastorais tomam em conta esta realidade, que ele não pode desconsiderar.

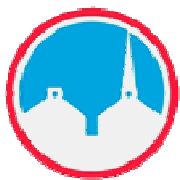
A realidade urbana imediatamente liga-se com outras realidades daquele tempo. Assim, já naquele tempo não se pensa a urbanidade apenas geograficamente, ou dentro dos limites de determinada cidade. Do mesmo modo, a cidade já é compreendida como um pólo de encontro de populações, por esta razão o intento já era “estabelecer pequenos núcleos de cristãos em residências e famílias espalhadas por algumas cidades estrategicamente localizadas no nordeste da baía mediterrânea”³⁰.

Com base nesta perspectiva, os grupos dos que professavam a fé em Jesus Cristo se estruturavam em centro urbanos na costa marítima, formando comunidades. Esses grupos “não só contavam com

²⁸ MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos*; o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 21.

²⁹ *Idem*, p. 22.

³⁰ *Idem*.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

alto grau de coesão e de identidade de grupo, mas também eram mantidos atentos à consciência de que pertenciam a um movimento maior, ‘junto com todos os que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo em todos os lugares’ (1 Cor 1,2)”³¹. Essa identidade religiosa, definida e reforçada constantemente, sedimentou as parcerias e relacionamentos afetivos e efetivos entre as comunidades.

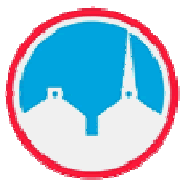
As comunidades de traço urbano logo desenvolveram uma forma de organização. “No momento oportuno, eles criaram rede única de instituições para incorporar e proteger essa conexão, e a combinação resultante de comunidades locais, disciplinadas e íntimas, com organização supra-local, era o principal fator no sucesso social e político do cristianismo na época de Constantino”. Segundo Adolf von Harnack, “foi isso, e não qualquer dos evangelistas, que demonstrou ser o missionário mais eficiente”³².

As relações locais dessas cidades, teias fundamentais ao testemunho do evangelho, aparecem em diversas situações, como na designação das reuniões dos cidadãos livres do sexo masculino, comuns na cidade de traço constitutivo grego (*ekklesia*), sendo referidas a partir de então, por Paulo e seus associados, mesmo depois que as monarquias helenistas e romanas retiraram grande parte de poder dessas assembleias. É usada ainda para designar cristãos em toda a parte, considerados no todo ou por partes³³.

³¹ MEEKS, *Os primeiros cristãos urbanos*; p. 167.

³² Conferir Von HARNACK, A. *Die Mission und Ausbreitung des Christentums in den ersten drei Jahrhunderten*. 2. ed. Leipzig, Hinrichs, 1906, v. 1, p. 434, citado por MEEKS, p.167.

³³ Paulo pode falar das *ekklesiai* (no plural, portanto) de uma província – Galácia, Ásia, Macedônia, Judeia (1 Cor 16,1; 16,19; Gl 1,2; 2 Cor 8,1; 1 Ts 2,14), mas também de todas as *ekklesiai* dos gentios (Rm 16,4) e de todas as *ekklesiai* de Cristo (Rm 16,16) ou de Deus (1 Cor 11,16-22; 2 Ts 1,4); também das *ekklesiai* dos santos (1 Cor 14,33). Ele, porém, e mais vezes ainda seus discípulos que escreveram a epístola aos Efésios e a epístola aos Colossenses podem usar o singular não só em regras gerais que se aplicam a qualquer assembleia local, mas também em fases que abrangem o movimento cristão inteiro. Conforme Von HARNACK, citado por MEEKS, p. 168.



Essas comunidades urbanas, que criam redes e relacionamentos durante a expansão inicial do cristianismo, espalhando *ekklesiai* por toda aquela região, ficaram colocadas de lado, por sua urbanidade na reflexão bíblica latino-americana. Nesta, “em vez de a cidade ter-se tornado centro da discussão, foi o espaço camponês que roubou as atenções, sendo idealizado como o lugar de libertação”³⁴. Essa análise contenta-se em apresentar a cidade como espaço opressor, gestora de um sincretismo ameaçador cujo resultado é a proliferação de ídolos, ao passo que o mundo camponês é visto como um lugar de relações justas e solidárias, de religiosidade legítima, baseada no culto a *Yahweh* e isento de sincretismos³⁵.

O redimensionamento deve ser necessário não apenas para considerar a importância das populações de trabalhadores das cidades, mas também para não parecer ingênua ao descrever a realidade do campo. O papel que sobra da “crítica à cidade, em sua contraposição ao campo, não acaba por relegá-la a um espaço de ‘morada dos demônios’? Também nos perguntamos se, hermeneuticamente, esta definição negativa do espaço urbano não é equivocada, considerando que a imagem da cidade como lugar de morada do opressor tributarista, explorador do camponês, corresponde em absoluto à realidade da cidade contemporânea, que apesar das contradições é lugar de trabalho e de produção. Morada não somente dos ociosos cortesãos do Oriente antigo, mas antes de tudo, de grandes populações proletárias”³⁶.

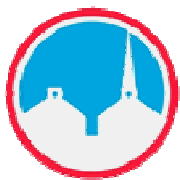
3.b. Urbanidade e globalização: desafios da atualidade

O espaço urbano é tremendamente revolucionário no campo das mentalidades. As violências começam com as lógicas de dimensionamento do espaço urbano. “Após um milhão de anos de

³⁴ Conferir. SCHWANTES, Milton. Jacó é pequeno: visões em Amós 7-9. Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 1, 2a. ed., 1990, p. 81-92 e MÍGUEZ, Nestor. O contexto sócio-cultural da Palestina. Em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis, n. 22, 1995, p. 22-33.

³⁵ NOGUEIRA, Os primeiros cristãos e o mundo urbano, p. 30.

³⁶ *Idem*, p.31-32.



andanças, ele chega à escolha crucial: abandonar o nomadismo e tornar-se aldeão”³⁷. Com sua própria lógica, o espaço urbano, “é pluriespacial, regidos pelos desejos e escolhas das pessoas. À medida que a Terceira Onda da informática cresce, impera o policentrismo dos meios eletrônicos. Destroem-se os espaços e o imaginário tradicionais: igreja, praça, família. Impõe-se uma nova lógica regida por status, posse econômica, aparência, vitrine, mercado”³⁸.

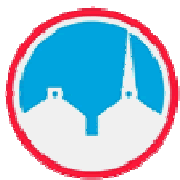
O sonho da cidade como lugar da liberdade faz parte do inconsciente coletivo urbano que povoa o pensamento dos pobres. Nas cidades, os camponeses se libertam do regime de servidão, rompem o vínculo com a terra e o senhor de glebas no mundo feudal, que lhes roubava o trabalho, a comida e o tempo. Ir para a cidade, mesmo que não representasse qualquer avanço de saúde, de comodidade ou existencial, equivalia a uma libertação, mesmo quando lhe restava apenas a condição de livre e despossuído³⁹.

A mesma expectativa existencial é ainda vivida por camponeses em relação às cidades em épocas, culturas e lugares os mais diferentes, em distantes regiões do interior do Brasil, mormente em tempos de globalização, de avanço dos meios de comunicação, utilização de tecnologia sofisticada e de baixo custo, e de aperfeiçoamento dos modos de intervenção na vida social. A urbanidade e a globalização acenam com apelos para as pessoas mais simples que os fazem abrir mão da segurança e comodidade da casa, da família, da cidade do interior, do círculo de amigos e da igreja, assumindo os riscos e as possibilidades que o encantamento da aventura urbana lhes traz. No entanto, muitos camponeses estavam mal preparados para um rápido e avassalador processo de mudanças, fazendo com que grupos humanos formados de pequenos produtores rurais, comerciantes e artesãos, agora

³⁷ BRONOWSKI, A *escalada do Homem*. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/ UnB, 1979, p. 60, Citado por LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001.

³⁸ LIBÂNIO, *As lógicas da cidade*, p. 32.

³⁹ ROLNIK, R. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 35.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

se achem presentes em metrópoles com suas favelas, violência, precários meios de transportes frente a grandes dimensões, entre outros muitos desafios⁴⁰.

Conclusão

Ao inculturar sua fé na realidade urbana brasileira as igrejas se põem a dizer que qualquer cidadão poderá sentir-se em casa ao ter contato com a expressão eclesial da fé cristã. Dado este passo, não haverá dificuldade de admitir que sua primeira preocupação deve ser o não-cristão. Tornar o outro, que se pode alcançar com os olhos, a prioridade da ação evangelizadora. A segunda pergunta também é essencial: como devem viver os membros das comunidades cristãs para que os não-cristãos recebam o que Deus lhes envia através da comunidade eclesial?

As igrejas que não subestimam o problema, mas revelam humildade ao reconhecê-lo e disposição verdadeira de confrontá-lo. Quando a interpelação para esta missão vem do próprio Deus tem mais força do que se viesse de uma igreja ou grupo de igrejas. Tão intenso é esse chamado, que a igreja não é interpelada a respeito de suas atividades pastorais ou estratégias de evangelização, mas da sua função precípua. Essa densidade de vida e entrega cria as condições para que as pessoas assumam a salvação como nova e profunda responsabilidade e sejam animadas a se aproximar e se juntar à caminhada.

A partir da liberdade libertada, pela qual Deus cada vez mais a tem, com identidade formada a partir da salvação, respeitará a todos que dela se aproximam e suas diferentes culturas. As diferenças físicas, culturais, étnicas, econômicas e sociais, que faz diferentes aos que a ela se achegam, perdem, em importância, para a identidade que a salvação atribui a cada um em Jesus Cristo. A evangelização que visa a inculturação valoriza a particularidade da pessoa, integra sua cosmovisão,

⁴⁰ BRAKEMEIER, Gottfried. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil: missão e perspectivas. Em: BRAKEMEIER, G. (ed.). *Presença Luterana 1990*. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 177.



Pos-Escrito

Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro

compreende sua estruturação social, interage com seus sistemas éticos e seus códigos: introduz o evangelho que lhe foi confiado dentro da alteridade cultural do outro.

Ao voltar o olhar para tradição bíblica, a fim de criar tradição na atualidade, as igrejas devem defrontar-se com a cidade como critério. Deve *saber verter o vinho velho em odres novos*. Desde os relatos do Novo Testamento a cidade é um espaço de presença, condição que a torna um *criterium* pastoral. Da experiência do apóstolo Paulo nos relatos neo-testamentários, deve sorver o aprendizado para seu contato com as cidades de sua época, seus ambientes, seus clichês, suas ruas, sua violência e tudo o que ela tem. Numa palavra: suas lógicas. Estas são as chaves hermenêuticas que abrem as portas das teias de relações, possibilitam novos códigos de comunicação locais urbanos, fundamentais ao testemunho do evangelho, bem como o contato de seres humanos livres.

Antônio Carlos Ribeiro

<http://lattes.cnpq.br/5999603915184645>

antoniocarlosrib@gmail.com